

A Expedição de Cabeza de Vaca - Passou por Ponta Grossa em Dezembro de 1541

RIBAS SILVEIRA

Dom Álvaro Nunes Cabeza de Vaca, um dos mais denodados exploradores do Novo Mundo, percorreu o Estado do Paraná de leste a oeste, em fins do ano de 1541, legando-nos um precioso roteiro de sua viagem, contendo valiosas notícias históricas de nossa terra e dos aborígenes.

O intrépido explorador partira da ilha de Santa Catarina com uma comitiva de 250 pessoas e 26 cavalos, vindo desembarcar na foz do rio Itapocu, nas proximidades do porto de São Francisco, subindo pelo referido rio acima até sair nos campos do planalto, possivelmente nas imediações de Campo Alegre, gastando dezenove dias de viagem. É interessante observar que este trecho da excursão o governador narra em meia dúzia de linhas; e logo que entra em território paranaense, providencialmente, desenvolve sua narrativa, contando o que se passou, dia por dia... dedicando cerca de catorze páginas a esse relatório.

Preliminarmente, devemos observar que os prados que ele encontrou naquela época conservam quase os mesmos limites naturais, e um fazendeiro experiente sabe distinguir os campos que foram abertos por nossos avós, a partir de... 1800 para cá, das campanhas multiseculares,

que já existiam na época da descoberta do Brasil. Isto é importante para identificarmos o itinerário seguido pelo bravo governador, que teve entusiásticos louvores à beleza de nossos prados, à amenidade do clima e à salubridade e abundância das agnadas.

Subindo pelo Itapocu acima, Cabeza de Vaca atingiu o planalto nas imediações de Campo Alegre e São Bento, onde encontrou belas campinas e os primeiros redutos de selvícolas, que lhe socorreram com mantimentos, generosamente oferecidos, quando a expedição começava a sofrer fome. Partindo desse ponto, a expedição teria cruzado nas cabeceiras do rio Negro, ao qual não deu importância, passando pelos sítios atualmente chamados Frágosos, Campo Tenente, Lapa e indo atravessar o Iguaçu, provavelmente em Porto Amazonas. (Aqui discordamos de certo historiador paranaense, que assegurou que o governador passou o Iguaçu em Araucária e foi até a praça Tiradentes...)

O roteiro diz que a expedição no dia 1.º de dezembro atingiu o rio Iguaçu, e no dia 3 (três), cerca de meio-dia chegou ao rio Tibagi. Logo os castelhanos teriam atravessado o Iguaçu no ponto em que este mais se aproxima do rio dos diamantes, pois as jornadas não podiam exceder a quatro léguas diárias, levando

em conta que os expedicionários marchavam a pé, sobrecarregados de bagagens, e tinham diáritamente amistosos encontros com os índios guaranis, que os cumulavam de presentes e mereciam carinhosa atenção do nobre Adelantado.

Portanto, a expedição passou nas imediações de Porto Amazonas, Palmeira e do Aeroporto de nossa cidade, onde teve carinhosa recepção dos indígenas, chefiados por Tapapiruçu, cuja aldeia "distava duas léguas daquele local" (Seria a futura Princesa dos Campos!).

(Por conseguinte, a recepção dos visitantes ilustres nas barrancas do Tibagi é uma tradição quadrisecular, um belíssimo exemplo que nos legaram os aborígenes e que devemos conservar, para maior honra e glória de nosso estremecido torrão natal).

O roteiro diz que os expedicionários iam marchando através de **campanhas** mui belas e levemente onduladas, guarnecidas de pequenos bosques e em alguns pontos apresentavam o aspecto de magníficas savanas pontilhadas de majestosos pinheiros. Assim sendo, a marcha teria seguido pela margem direita do Tibagi até os campos de Monte Alegre. Paralelamente, na margem esquerda do referido rio, o terreno até a presente data é coberto de matas e campinas de formação

recente. Acrescenta o relatório que a expedição aproximou-se através dos prados meio grau do Trópico.

Em terras pontagrossenses sucedeu um importante episódio na marcha de Dom Álvaro. Veio ter com o governador um índio batizado chamado Miguel, que estava regressando de Assunção do Paraguai, o objetivo da expedição, e deu-lhe detalhadas notícias das desordens que ocorreram recentemente naquela localidade. O governador despediu os índios que trouxera de Santa Catarina, porque não conheciam a região que deveriam percorrer, e tomou o índio Miguel por guia de sua longa jornada.

No dia seguinte, quatro de dezembro, a expedição foi recebida carinhosamente, pela tribo de Pupebage, cujos presentes o governador retribuiu com "tijeras e cuchillos, dejando los indios de este pueblo tan alegres e contentos que de placer bailaban y cantaban por todo el pueblo". Repetimos as palavras do texto, porque o fato se verificou em terras princesinas. Nas margens do Tacuari o governador visitou outra aldeia, cujo chefe se chamava Aban-gobi, "y el y todos los indios de su pueblo, hasta las mujeres y niños, los salieron a recibir, mostrando grand. placer con la venida del gobernador y gente, y los trujeron al camino muchos bastimentos". Nesta altura, parece que os expedicionários descansaram uns oito dias.

No dia 17 o autor conclui o capítulo nestes termos: — "Por todo el camino que se anduvo, despues que entró en la provincia, en las poblaciones de ella es toda la tierra muy alegre, de GRANDES CAMPINAS, arboledas e muchas aguas de rios y fuentes". Portanto, a marcha teria sido feita pela margem direita do Tibagi e, cruzando este rio nas alturas de Monte Alegre, os castelhanos tiveram que enfrentar terreno muito áspero, erigido de serranias e caminhadas profundas, matas densas cobertas de taquaral e taquaruçu de espinho, que se encontra geralmente à margem dos grandes rios; a floresta era tão espessa que passavam dois a três dias sem ver o céu. Provavelmente, a expedição passou nas proximidades de Ortigueira e foi cruzar o Ivaí em Ivaiporã, atingindo logo depois o Corumbataí, pois o roteiro fala em **rios grandes**, que ficavam bem próximos... Isto ocorreu nos primeiros dias de janeiro de 1542.

Nessa região montanhosa a expedição não encontrou nenhuma aldeia, e além dos grandes trabalhos que tiveram que enfrentar, chegando a fazer dezoito aterrados (pontilhões revestidos com terra) num só dia, chegaram a passar fome, pois acabou-se todo o mantimento que conduziam.

Os castelhanos teriam passado nas imediações de Mamburê e dali foram se inclinando um pouco para o Sul, cruzando logo depois o Piquiri, e indo sair às margens do Iguaçu cerca de vinte léguas acima da Foz.

Antes de chegar às cataratas, o governador teve notícias de que naquelas paragens fôra trucidada pelos índios, poucos anos antes, um pequena expedição portuguesa, chefiada por Pedro Dorantes. Provavelmente, trata-se da expedição enviada por Martim Afonso de Souza, à procura de minas de ouro, que fôra dizimada pelos selvícolas. Cabeza de Vaca tomou a precaução de dividir sua gente em dois grupos marchando um por terra e outro pelo Iguaçu abaixo. As duas colunas chegaram à Foz sãs e salvas, sem ter disparado um tiro contra os bugres. Pela primeira vez viram grupos de índios armados mas que não os hostilizaram.

A região de Foz do Iguaçu, tal como acontecia nos Campos Gerais, era bastante povoada de selvícolas, gente laboriosa que cultivava o solo e vivia em grande fartura. Tinham vastas criações de galinhas, patos, porcos, veados e até antas domesticadas. Colhiam muito milho, batatas, carás, mandioca e amendoim. Desfrutavam uma civilização rudimentar adequada ao meio em que habitavam, que lhes proporcionavam alegria e bem estar. Em consequência disso, eram generosos e hospitaleiros para com os forasteiros que os visitavam. E Cabeza de Vaca sabia tratá-los com todo o respeito e discrição,

(Continua na 11.ª página)